

Bonfim, glória e tradição

LÍLIAN MACHADO

O caminho de fé até a Colina Sagrada representa a religiosidade e o sentimento de festa do povo baiano que levou mais uma vez os fiéis a ignorarem o sol forte e o percurso de 8km entre a Igreja da Conceição da Praia e as escadarias da Igreja do Bonfim. Todos com o único intuito: glorificar e repetir os gestos de homenagem ao "protetor" Senhor do Bonfim que acontece tradicionalmente há mais de 100 anos.

O cortejo da festa saiu da Conceição da Praia, igreja que guarda a imagem da padroeira da Bahia, Nossa Senhora da Conceição por volta das 9h. O culto ecumênico que reuniu católicos, espíritas, judeus e representantes do Candomblé foi o primeiro ato da festividade que começou às 8h. Durante a celebração, a cantora baiana Virgínia Rodrigues cantou a música "A Paz", de Gilberto Gil e em seguida fiéis e seguidores da festa entoaram o Hino ao Senhor do Bonfim, um dos poemas mais cantados pelos católicos.

O evento que misturou a fé dos diversos segmentos religiosos reuniu o prefeito João Henrique, o novo governador Jaques Wagner, o ministro da Defesa Waldir Pires e outras autoridades. Milhares de devotos vestidos de branco se reuniram em frente a igreja e se emocionaram ao cantarem o Hino. O banho da água de cheiro que representa a promessa de purificação dos males do corpo e da alma mais uma vez foi bastante disputado pelas pessoas.

No entanto, o lado espon-

tâneo da festa, com a participação de fiéis católicos e seguidores de Oxalá (pai dos orixás que no sincretismo está associado a Senhor do Bonfim) foi o que mais chamou a atenção. A luminosidade do branco imperou por todo o trajeto. Baianas que saem há mais de 30 anos na festa fizeram questão de mais uma vez se enfeitarem com muita beleza.

Com um sorriso no rosto e disposição de sobra para enfrentar o longo caminho até a Colina Sagrada, quando milhares de baianas iriam lavar os sete degraus de escada, Maria do Carmo Neta, 65 anos confessava: "Eu já nasci nessa festa. Isso tudo é bonito demais". A baiana Maria Anita Santos Pires, 62 anos disse que estava mais animada esse ano. "Vou até lá com a fé no Senhor do Bonfim", enfatizou.

As carroças demonstraram o lado mais criativo da festividade. Os jornalistas Valter Lessa e Sônia Araújo enfeitaram a carroça com o desenho da Colina Sagrada. "Quisemos fazer uma homenagem a igreja que é a grande responsável por isso tudo", disse Araújo. Lessa que participa da festa há 40 anos destacou o concurso de carroças, como um estímulo à tradição. "É algo que fazemos com amor e devoção", completou a jornalista.

Na carroça enfeitada do Sindicato dos Professores da Ufba, um convidado ilustre da cultura baiana: o cantor de raiz nordestina Bule-Bule. Ele disse que mais uma vez estava sendo ótimo participar da festa e que o convite foi muito válido.

FOTO: GERALDO ATAÍDE



É a maior manifestação religiosa do povo baiano, tradição que a cada ano se renova e serve de estímulo para todo resto do ano

Mais a frente do grupo de carroças, um carro de palha servia de carona para quem quisesse. A invenção do mecânico Luiz Carlos Batista da Silva, mais conhecido como Turuca já é tradição da lavagem há 23 anos. A mecânica de uma Brasília em modelo de um bugre totalmente enfeitado de palha chamou a atenção de milhares de pessoas que brincavam e sentavam ao lado do motorista. "Quando é que vocês vão pegar uma carona com a gente?", pergunta-

va à equipe de reportagem, em tom de brincadeira.

Marchas, sambas tradicionais, frevos, sucessos do axé, pagodes do momento, até o mais recente hit do arrocha. Nas rodas e nos grupos seguidores do cortejo teve ritmos para todos os gostos. Carros com caixa de som e portamalas abertos podiam ser observados em todo o circuito. Em referência a festa fechada Bonfim Light, um grupo de jovens moradores da Baixa do Bonfim improvisam uma cha-

ranga eletrônica e fez camisas com o nome Bonfim Diet. Dois rapazes se reservavam entre o microfone e o teclado tocando restritamente o ritmo arrocha.

Representantes de sindicatos aproveitaram a festa para reivindicar melhorias salariais. A Federação dos Trabalhadores Públicos do Estado da Bahia seguravam uma faixa pedindo aumento do salário. O Sindicato dos Servidores da Justiça (Sinpojud) também participou da caminhada. A inte-

grante Célia Tavares elogiou a festa. "Está mais organizada, saiu no horário certo e está muito alegre", enfatizando que o momento era de confraternização entre os sindicatos.

Muitos turistas também se esbaldaram durante o trajeto. Esse foi o caso do espanhol Ravier Gutierrez que não parava de dançar com o filho de cinco anos nos ombros. "Não sei se vou agüentar ir até lá, mas estou gostando muito", disse, sem perder o embalo.

Na colina a emoção toma conta do povo

CATIANE MAGALHÃES

Quando o cortejo oficial ainda se concentrava para sair da Conceição da Praia, no bairro do Comércio, e enfrentar a longa caminhada de oito quilômetros até o Bonfim, os fiéis mais apressados e moradores circunvizinhos já lotavam o largo e a escadaria que dá acesso à Colina Sagrada, na Península Itapagipana, também na Cidade Baixa.

Aqueles que pouparam sola de sapato e disposição física não aderindo a "penitência" da tradicional caminhada "Quem tem fé vai a pé" chegaram mais cedo para agradecer as graças alcançadas e fazem pedidos ao santo que, embora não seja o padroeiro de Salvador, é o protetor de todo povo baiano, além de turistas que saem de longe apenas para reverenciar o Senhor do Bonfim, durante a realização de uma das mais importantes festas profanas e religiosas mais importantes do calendário baiano.

A dona-de-casa Cícera Oliveira chegou bem cedo. Às 7h da manhã de ontem ela já estava na Colina fazendo suas orações. Ela que mora no Uruguai, bairro adjacente, comentou que nunca quis participar da caminhada por motivo de respeito a sua crença. "Nada contra quem participa, acredito, inclusive, que muitos vêm pela fé, já outros pelo ato 'carnavalesco' que se tornou o cortejo religioso", salienta.

Enquanto as baianas, totalmente vestidas a caráter, e adeptos de religiões afrodescentes lavavam a tão famosa escadaria de apenas sete degraus, utilizando alfazema e água de cheiro preparada com folhas de arruda e flores do tipo angélica entre outras nas cores brancas e vermelhas, que, segundo os seguidores do rituais, atraem bons fluidos

e trazem sorte, os católicos praticantes disputavam um lugar diante da grade do templo, que permaneceu fechado durante todo o dia, para fazer suas orações e amarrar suas fitinhas, o amuleto dos devotos.

Para cada um dos três nós, um pedido e a certeza de que o mesmo será atendido antes da festa do próximo ano, quando o devoto deve retornar para agradecer a bênção e, se for o caso, fazer novos pedidos, além de renovar a fé no Senhor do Bonfim.

Apesar de toda dificuldade de locomoção, devido a uma paralisia infantil, o funcionário público Luís Trindade, 56 anos, driblou toda multidão e conseguiu chegar ao destino desejado: no topo da escadaria.

"Esse é um percurso que faço há nos. No início eu vinha acompanhado pela minha mãe, mas agora que ela está em outro plano venho com a ajuda da minha esposa e outros parentes, pois essa promessa foi feita pelos meus pais e desde quando eu era criança e eu não posso quebrá-la a essa altura do campeonato", comenta ressaltando que passou um tempo sem andar e após vários tratamentos e com a ajuda do Senhor do Bonfim, hoje está de pé e de bem com a vida.

Assim como Luís, milhares de necessitados e agridos compareceram à Colina. Cada um com o seu problema ou deficiência, mas todos com a mesma fé no santo que ampara e protege aqueles que pedem um "bom fim", ou seja, um final feliz, como na história de Luís.

O tapete branco com adereços azuis formado pela multidão de fiéis misturou as crenças e religiões, bem como o significado da própria festa. Enquanto a multidão saudava o Senhor do Bonfim, ao som do hino pedindo-lhe graças

FOTOS: ROMILDO DE JESUS

